

DIFERENTES MODOS DE COMPREENSÃO DA SUBJETIVIDADE

“Ação clínica a partir do modo de compreensão do eu”

Elaine Lopez Feijoo

Especialista em Psicologia Clínica, professora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro e Psicoterapeuta.

HIPERATIVIDADE é a categoria de diagnóstico apressadamente utilizada para aquelas crianças que apresentam uma atividade motora acima do normal. No cotidiano o diagnóstico de hiperatividade já vem sendo amplamente utilizado até pelos leigos... (ah! Ta deprimido!) O grande risco, com isso, é acabar por naturalizar o fenômeno, ou seja, tornar a questão familiar, e assim não se surpreender mais com o fenômeno. Na perspectiva fenomenológico-existencial (hermenêutica) faz-se necessário manter-se no estranhamento e questionar o que há? A criança quando assim caracterizada deixa de ser reconhecida na sua singularidade (abertura) e passa a ser identificada como a hiperativa (fechamento). O psicólogo quando vê o outro no seu singular reconhece esse outro com devir (temporal), abertura, enfim ausência dinâmica, ou seja, não diz que a criança é isso ou aquilo, reconhece-o no seu modo de ser na medida em que se mostra.

Este uso popular do termo tem feito com que associemos a criança hiperativa com uma criança que se revela de um modo malcriado, travesso, bagunceiro, audacioso, que responde, que provoca, que simula.

Os profissionais que trabalham no campo da psicopatologia infantil, ao utilizar este termo, se referem ao quadro sintomatológico de base neurológica que pode decorrer problemas importantes, ou seja, atuam numa perspectiva ôntica (ente simplesmente dado).

A criança hiperativa numa determinação ôntica é descrita pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) em seu manual de diagnóstico estatístico pela denominação: desordem por déficit de atenção com hiperatividade. O termo hiperativo se utiliza em textos sobre psicopatologia infantil como uma abreviatura um tanto quanto confusa. O Déficit de atenção com e sem hiperatividade afeta muitas crianças.

TDAH transtorno de déficit de atenção com hiperatividade
DDA -

Ainda nessa perspectiva ôntica, ou seja, tomar o eu como fechado aponta-se dois sintomas fundamentais da hiperatividade infantil.

Déficit de atenção: aquele onde predomina o déficit de atenção;

Impulsividade e Hiperatividade Motora: aquele onde predomina a impulsividade e a hiperatividade motora sobre os problemas de atenção.

O eu tomado como substância é hiperativo quando se destaca por:

- Inquietude
- Sono inquieto, tensão durante o sono, retém a mão (Contraí).
- Desconhecer as normas Levar vantagem
- Sofre acidentes por considerar -se imortal
- Inconseqüência
- Auto Conhecimento
- Colocam-se como centro da atenção
- Condutas Inadequadas

E o especialista frente ao quadro apresentado impõe sua verdade que é terapêutica. Diz que cabe aos pais o seguinte papel:

· O papel dos pais é imprescindível para a melhora da criança (determina a responsabilidade - a cultura da culpabilização)

· Fonte de segurança, modelo a seguir, reflexo do que os filhos escutam, base fundamental sobre a qual constroem sua própria escala de valores e o conceito de disciplina e autoridade.

Faz-se necessário:

- Uma família com normas claras e bem definidas
- Uma exigência adaptada as suas possibilidades
- Um Ambiente ordenado e organizado
- Um ambiente sereno, relaxante e afetuosos.
- O Reconhecimento do esforço realizado pela criança
- O Estimulo que o anime e contenha sem superproteção excessiva.
- Ajuda para situar-se e organizar-se
- Porém não deixar que ele manipule os pais com suas vontades e caprichos.
- Manter os limites disciplinares de forma racional, estável e inabalável.
- Ajuda para enfrentar e assumir seus problemas, bem como encontrar uma solução sem envolver necessariamente suas falhas.
- Coordenar o intercâmbio entre os profissionais: neurologistas, psicólogo, professor.
- Prover um ambiente familiar estruturado
- Não estimular de nenhum modo o comportamento inadequado da criança.

- Colocar limites educativos corretos, claros e adequados a capacidade da criança.
- Favorecer a autonomia da criança
- Criar hábitos de rotina
- Levá-lo a refletir sobre as suas condutas
- Possibilitar encontro monitorado com outras crianças

ESTUDO DE CASO

Dados de identificação da criança

Nome: Patrícia Campos Marques.

Sexo: Feminino

Data de nascimento: 11 de dezembro de 1994.

Idade: 7 anos e 23 dias.

Escolaridade: 1ª série

Dados de identificação dos familiares:

Mãe: Samanta Campos Marques Idade: 35 anos

Formando na faculdade / outro emprego

Pai: Ricardo Maciel Idade: 36 anos

Detetive

Pedido: Avó materna.

Indicação: Neurologista Milton Genes indica para psicoterapia.

Motivo da consulta: Preocupação com a hiperatividade de Patrícia. Corre, grita, fala muito. É inquieta, responde quando frustrada.

1ª ENTREVISTA COM A AVÓ MATERNA

Terapeuta: O que fez você procurar terapia para Patrícia?

Avó: Patrícia nasceu em dezembro e em março a mãe se separou do pai de Patrícia. E ela não tem contato com ele. O pai é policial, a mãe trabalha das 8:00 às 17:00 h e a noite faz faculdade. Chega por volta das 11:00 (noite) em casa.

A avó paterna criou Patrícia desde os quatro meses. Mias ou menos com 3/ 4 anos entrou na creche, meio expediente e pela manhã ficava com a avó paterna. Ela fazia todas as vontades da neta. Ela é uma menina cheia de vontades, responde, grita... Não tem limites. Se fizer tudo do jeito que ela quer, tá tudo bem.

Terapeuta: E com você? Ela reage da mesma forma? Responde, grita?

Avó: Eu coloco limites.

Terapeuta: Como são esses limites?

Avó: A mãe bate, põe de castigo, mas ela não fica. Patrícia é muito arrumada, organizada. É metódica. Se sair daquilo ela

grita. No mínimo 1 vez por dia, ela grita. A gente pergunta porque ela grita, mas ela diz não saber o porquê.

Terapeuta: E como é o brincar de Patrícia?

Avó: Ganhou um Lap Top da Sandy, brincou no mesmo dia e não brincou mais. Brinca o dia todo se deixar. Aliás, se deixar brincando não come, não faz xixi. Só que as crianças não gostam de brincar com ela. Tem que fazer como ela quer. Quer liderar, impondo sua opinião. Tem uma imaginação fértil. Inventa, cria.

Terapeuta: Então é difícil o relacionamento de Patrícia com as outras crianças?

Avó: A Patrícia se apresenta pra todo mundo. Falar quem é. Mas num primeiro momento, com criança ela é meio retraída. Ela uma prima de dez anos que brinca com ela, mas os outros três primos não querem brincar com ela de jeito nenhum.

Terapeuta: O que acontece que elas não querem brincar, além do fato dela querer que seja do jeito dela?

Avó: Ela não sabe brincar. Pega um jogo, pega outro.

É doida por televisão. Dependendo do programa fica quieta. Mas dependendo faz outras coisas enquanto vê tv.

Ah! O castigo maior é tirar a tv. Quando permanece no castigo, faz escândalo. Quando a mãe bate, fica quieta, mas depois volta a fazer bagunça.

Terapeuta: E como é o relacionamento de Patrícia com o pai?

Avó: Ela houve falar do pai, mas ele quase não aparece.

Desde os quatro anos eu achava ela diferente. Ela é feinha. Você vai ver! Ela é estrábica. Usa óculos desde os dois anos, tem cabelo grande. Você vai ver!

1ª ENTREVISTA COM A MÃE*

Terapeuta: Então, Samanta, o que está acontecendo?

Samanta: Preciso de orientação. Patrícia está mentindo muito, tem a imaginação fértil. Ela é esperta. Antenada com qualquer coisa. Imediatista. Tem rompantes de escândalo. Eu me sentia culpada por tudo isso. Agora não me sinto mais. Ela fala muito alto em qualquer situação. Ela não anda, corre. E isso me irrita.

Ela fala pra mim: "Eu me basto".

É estabana. Perde tudo. Com ela não tem conversa, faz escândalo. Mas também é carinhosa, esperta, atenta aos fatos que acontecem ao seu redor, gosta de ajudar em casa.

Terapeuta: E o que você faz frente essa situação de rompantes, escândalos, mentiras?

Samanta: Coloco limites. Ontem mesmo nós íamos ao parquinho. Ela queria ir de patins, mas eu disse que ela colocasse quando chegasse lá no local. Ela gritou, esperneou. Então deixei mais ela sair. Nós não fomos.

Eu digo pra ela que pra ela ser feliz só se for morar com a avó

* Neste encontro a avó compareceu sem aviso prévio a entrevista com a mãe.

(paterna). Porque ela faz todas as vontades dela.

Com cinco anos deixei ela ir pra casa da amiga depois da escola, como havia feito bagunça não deixei ela ir mais. Ela rasgou o papel. A escola quando viu o papel rasgado achou estranho e me ligou.

Desde uns seis meses pra cá venho colocando os limites gradativamente.

Terapeuta: E o que você fez com o fato dela ter rasgado a folha da caderneta?

Samanta: Coloquei de castigo.

Terapeuta: E como é o castigo?

Samanta: Bato. Não dou mais dinheiro do lanche para o colégio, mas ela leva o lanche de casa. Fica sem ganhar as coisas durante um mês. Ela gosta de ver “Ratinho”, então eu não deixo ver.

Terapeuta: E como é o relacionamento de Patrícia com o pai?

Samanta: Me separei do pai dela quando Patrícia tinha dois meses. Durante um tempo a avó paterna ajudava a cuidar. O pai não procura por Patrícia. Quando alguém toca no assunto, ela inventa que o pai está viajando.

Também tem uma situação que me incomoda. A Patrícia só acredita no que vê. Uma vez ela cismou com o avental da escola, que não estava no lugar. Daí eu falei que se ela quisesse ver e tivesse lá, ala apanhava ali mesmo.

Quando vamos à casa dos outros ela mexe em tudo e eu não sei mais o que fazer.

Patrícia quer um cachorro. Mas não tem condição de ter no apartamento.

1ª Etapa com Patrícia

T: Olá! Tudo bem?

P: Tudo! Você tem um saquinho para eu colocar meu dinheiro?

T: Não tenho, mas podemos tentar fazer um envelope com papel.

P: Ah é!

P: Minha mãe mentiu!

T: Mentiu?

P: Ela disse que tinha um monte de brinquedo.

T: E tem. Estão ali dentro. (baú). (Pega senha para jogarmos)

Enquanto isso pergunto: Qual seu nome todo?

P: Patrícia Campos Maciel. Se minha mãe falou Marques, não é. É Maciel!

Quando começamos a jogar, Patrícia me acusa de ter colocado os pinos no lugar errado, sem ao menos eu ter jogado. Quando vou pegar os pinos, Patrícia se apressa e pega antes de mim.

Quando a sessão está por acabar, falo: Vamos guardar as coisas?

P: Vamos! Com o maior prazer!

2ª Etapa

E: Vamos fazer o que hoje?

(P pega a tinta). P: Minha mãe não deixa eu brincar de tinta, brincar com espuma de carnaval colorida para passar no cabelo, ouvir televisão alta. Não dá pra fazer nada com essa massinha, não pode misturar.

T: Não pode misturar?

P: Não pode misturar porque outras crianças não vão poder mexer. Pode misturar?

T: Como é pra você chegar na próxima sessão e a massinha estar misturada?

P: Tudo bem.

T: Então tudo bem!

P: Pode misturar?

T: Se pra você não tem problema, pode.

Patrícia começa a misturar, mas desiste e fala:

“Já sei o que vou fazer para as outras crianças não perceberem que eu misturei”.

(Põe a parte que tem menos massa para dentro e a de fora permanece na cor predominante)

Patrícia olha para todos os lugares / espaços da sala.

T: Percebo que você está curiosa!

P: Percebeu bem!

T: E como é para você ser curiosa? (não responde) Repito a pergunta

P: Tudo bem.

Patrícia quer desenhar

Aviso o final da sessão.

T: Patrícia a sessão acabou.

P: Só mais um minutinho!

T: Ok! Estou marcando no relógio, tudo bem?

P: Ha, ha.

T: Um minutinho acabou!

P: Só mais um minutinho!

T: P o tempo realmente acabou. Até arrumarmos tudo vai passar muito tempo. Então nós podemos terminar a sessão cinco minutos mais cedo para dar tempo de nós arrumarmos tudo e te dar mais um minutinho. Tudo bem?

P: Não. Eu só queria acabar de fazer o desenho do sol com a folha toda azul como é o nosso mundo.

T: Da próxima vez nós nos organizamos para dar tempo de fazermos tudo.

P: Ta bom!

3ª Etapa

P: Minha mãe falou para eu pedir pra você me dar um

conselho. As minhas amigas estão me chamando de quatro olhos.

T: E como é isso pra você?

P: É ruim.

T: E o que acontece que elas te chamam de quatro olhos?

P: Não sei.

T: È difícil pra você quando elas te chamam de quatro olhos?

P: È!

T: È como?

P: Não gosto, queria ser mais bonita!

T: Mais bonita?!??!

P: È! Como minha mãe! Eu queria ser como ela. Vamos fazer uma brincadeira nova? Vamos brincar desse jogo grande aqui? Se você não gostar a gente joga o seu.

T: Com suas amigas também é assim?

P: È!

T: E como elas reagem?

P: Ah! Não sei!

1ª rodada P: Posso trocar?

T: Só dessa vez porque você está aprendendo.

2ª rodada P: Posso ver, se eu gostar eu tiro?

T: Só dessa vez.

3ª rodada T: Dessa vez quem tirar, tirou.

P: Ah, por favor, tia. Deixa!?!??

T: Nós combinamos.

P: Você ganha todas!

T: E como é pra você eu ganhar todas?

P: É chato, mas tudo bem!

P: O seu é loiro ou é pretinho favelado?

T: O que você quer saber: se é loiro ou se é preto? Lembra que eu só posso responder sim ou não?

P: Posso arriscar?

T: Se errar perde a rodada.

P: Ah não!

4ª Etapa

P: Às vezes os meus amigos da escola dizem que as minhas coisas são tudo melhor. Mas só que não é verdade.

Hoje um garoto no colégio perdeu uma lapiseira e um tempo atrás perdeu 10,80.

A minha mãe tem um montão de lapiseira, quando a minha estraga eu peço: me dá uma igual? Só que ela diz não. Aí me dá vontade de pegar.

T: o que é que você pegou?

P: Cinco reais da minha própria mãe. Ela não me dá, aí eu fico com raiva e aí eu peguei. Só que ela perdeu mais três. Só que não fui eu que peguei, eu só peguei cinco. Eu fico com inveja. Porque ela tem tudo melhor. As amigas dela ficam com ela no celular. Elas ficam em 1º lugar. As minhas amigas ficam por último.

T: E isso te incomoda?

P: Muito!

T: E você pegou mais coisas?

P: Não sei. Já peguei algumas coisas misturadas com as minhas sem querer. Ah é! Já me lembrei! Uma caneta e uma lapiseira!

T: Talvez eu tenha que ir a sua escola.

P: Eu não vou te dar o endereço.

T: Mas eu já tenho. Você não quer que eu vá à sua escola?

P: É que lá tem muita gente brava.

T: Você não quer que eu vá à sua escola. O que é que acontece?

P: É que eu não quero passar vergonha. A professora diz que se não assumir vai ser pior.

T: E o que é que você faz para não passar vergonha?

P: Mas nunca é pior. Eu minto a minha vergonha.

5ª Sessão

P: Só pra você saber eu não fiz nada de errado até hoje.

T: E como é isso pra você?

P: Eu só to te falando. Hoje eu vou pintar. T: Ah é?!

Referências Bibliográficas:

FEIJOO, A. M. L. C. *A Escuta e a fala em Psicoterapia*.

São Paulo: Vetor, 2000.

VILLAR, I. O. *Déficit de atención com hiperactividade*.

Manual para padres y educadores. Madrid: Ed. Cepes, 1998.

Rodhde L. A. & Benczik. E.B.P. *Transtorno de déficit de atenção hiperatividade. O que é? Como ajudar?* Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.